



Revista FAMECOS: mídia, cultura e
tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Martins Portanova Barros, Ana Taís

Ciberespaço: múltiplos tempos, novas mundivisões

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 32, abril, 2007, pp. 14-16

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550188004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ciberespaço: múltiplos tempos, novas mundivisões

RESUMO

A física moderna destruiu a visão medieval do espaço, que distingua um lugar para a matéria e outro para o espírito, mostrando que todo o espaço é material. Hoje, a tecnologia trouxe o ciberespaço que, na sua imaterialidade, pode acolher o espírito. Tanto celebrar, quanto execrar o ciberespaço indica a atribuição de um caráter ontológico a ele, e um imaginário que se polariza em tendências homogeneizantes de transcendência e de imanência.

PALAVRAS-CHAVE

- imaginário
- ciberespaço
- mundivisões

ABSTRACT

Modern physics has destroyed the medieval vision of space, which used to distinguish the place for matter from the place for spirit, also showing that the space is material. Nowadays, technology brings the cyberspace, which in its lack of materiality is able to welcome the spirit. The celebration as much as the loathing of the cyberspace indicates that an ontological character is being attributed to it, as well as that there is an imaginary that polarizes itself in homogenizing tendencies of transcendence and immanence.

KEY WORDS

- *imaginary*
- *cyberspace*
- *worldvisions*

Afísica moderna destruiu a visão medieval do espaço (que distingua nele um lugar para a matéria e outro para o espírito), mostrando que todo ele é material (WERTHEIM, 2001). M. Wertheim mostra como a visão que o homem tem do espaço passou do dualismo medieval para o monismo moderno, em que toda a realidade é física, sem lugar para a alma ou Deus.

Hoje, estaríamos vivendo um novo dualismo, com a criação do ciberespaço, que acolheria os anseios de espiritualidade humanos. Uma vez compreendido o imaginário que embasa o modo de viver o ciberespaço – tomando-se imaginário como o capital pensado, e não pensado do *Homo sapiens* (DURAND, 1997) – é possível avançar os traços que esse modo de viver imprime nas mundivisões.

Hoje, o espaço dos físicos não é o único a existir, pois a tecnologia trouxe o ciberespaço que, na sua imaterialidade, pode acolher o espírito. Assim, poderíamos criar identidades variadas no ciberespaço, ter um corpo incorruptível e até atingir a onisciência através da rede de informações. O ciberespaço propiciaria sonhos religiosos por sua imaterialidade, característica que, no Ocidente, sempre foi associada à espiritualidade.

Por esse viés, o ciberespaço, abolindo as coerções do tempo e do lugar, seria um não-lugar e um não-tempo, a dimensão perfeita para a morada de Deus. Essa vivência do ciberespaço como uma resposta triunfante à ciência que mapeou todo o universo e concluiu que só o factual é real, confere ao ciberespaço caráter ontológico, preservando, assim, o sujeito, o *subjectum* (o que permanece sob os acidentes e incidentes, como diz Vattimo). A idéia moderna de uma sociedade que progride e a idéia de que esse progresso é sempre bom se mantém inalterada, e o novo continua a surpreender, a revolucionar. O ciberespaço ganha a dignidade antes conferida ao espaço newtoniano e/ou relativístico, que se tornou demasiadamente opressor. Trata-se de uma fuga desencadeada pela absolutização da matéria sinalizada pelo avanço tecnológico, mas é uma fuga para um outro território também criado pela tecnologia (onde se pode, quem sabe, abolir o tempo), de modo que se continua sob seu domínio.

Por outro lado, a imaterialidade do ciberespaço abre caminho para a realização de sonhos religiosos, como a possibilidade de criar muitos eus, com corpos incorruptíveis e mentes oniscientes.

Assim, se o ciberespaço é sentido como a vitória do homem contemporâneo sobre a ditadura fisicalista que excluiu o espírito dos domínios do cosmos, depreende-se que o imaginário esteja oscilando entre as polarizações homogeneizantes da luz e das trevas, entre os extremos dos regimes diurno e no-

Ana Taís Martins Portanova Barros
FABICO/UFRGS

turno do imaginário: o diurno, abrigando as imagens de onipotência, de supremacia uraniana, numa projeção para o alto; o noturno, organizando imagens de fusão, de fuga, num ocultamento subterrâneo (DURAND, 1997).

“a humanidade sempre sente falta das mesmas coisas, e é por isso que não se precisa procurar um homem novo, como querem os mitos modernos”

O deslumbramento com a imaterialidade do ciberespaço é bem indicador de um anseio, por se livrar da matéria com toda sua terrível perecibilidade, num gesto típico do universo heróico (solar) do imaginário. A onisciência, talvez possibilitada pela imensidão de informações instantaneamente disponíveis ao cibernauta, pode ser valorizada ao gosto do herói, se constituindo em soberania uraniana, ou tomar a roupagem noturna do universo místico, realizando o sonho gnóstico da fusão com o todo (o mundo inteiro potencialmente dentro da mente, e vice-versa).

Assim, as ações tanto de celebrar o ciberespaço, quanto de execrá-lo, indicam a atribuição de um caráter ontológico a ele, sustentada (essa atribuição) por um imaginário que se polariza em tendências homogeneizantes, ora de transcendência, ora de imanência. Com isso, mantém-se invicta a visão moderna do mundo, a começar pelo sentimento do ciberespaço como algo totalmente novo que, para o bem ou para o mal, vem *revolucionar* nosso mundo, reconduzindo-nos aos nossos *valores mais fundamentais* (seja redescobrindo-os, seja questionando-os) e preservando, afinal, a *centralidade do sujeito* (malgrado suas fragmentações possíveis na net).

No entanto, o homem que vive o ciberespaço não é tão diferente dos seus ancestrais. A humanidade sempre sente falta das mesmas coisas, e é por isso que não se precisa procurar um homem novo, como querem os mitos modernos. Aliás, um mito nunca morre, mas se deforma, se desgasta. Gilbert Durand mostra que, em nossos dias, o mito diretor da modernidade que finda é Hermes, enquanto o mito de Prometeu, que tanto obrigou Hermes à latência, é enfraquecido: “O mitema prometeico do bem estar pela técnica não é mais incitador nas nossas civilizações desencantadas. Hoje, o sábio sabe muito bem que o que ele descobre é perigoso” (DURAND, 1996:181–2). Roubar o fogo dos deuses para levar a luz aos homens, amargando um castigo eterno por sua bravura, como fez Prometeu, já não é tão desejá-

vel; o ciberespaço, antes de constituir uma nova versão da enciclopédia, aquela invenção iluminista que queria conduzir ao conhecimento as massas ignaras, parece mais um grande caldeirão onde fervem juntos ingredientes antes meticulosamente separados, como ciência e senso comum, real e imaginário, bem e mal, falso e verdadeiro etc. Hermes, o deus das comunicações, do comércio e dos trapaceiros, preside o ciberespaço, fazendo conviver, irremediavelmente, ambigüidades e contradições.

Por aí se vê que as tendências homogeneizantes não são as únicas (e, talvez, nem mesmo as principais) forças do imaginário a organizarem mundivisões. Maffesoli fala do ressurgimento de uma criança eterna brincalhona e travessa, que impregnaria modos de ser e de pensar nesta pós-modernidade nascente (MAFFESOLI, 2001 : 12), e podemos vê-la aventurando-se no ciberespaço, com o qual a noção de *aparência da aparência* trazida por Nietzsche atinge o paroxismo: “Se da nossa própria realidade nos abstraímos por um momento, se concebermos nossa existência empírica, e a do mundo em geral, como representação a todos os instantes suscitada pelo Uno primordial, e compararmos este existir com o sonhar, então o sonho há de ser para nós *aparência da aparência*, e, nesta qualidade, a satisfação ainda mais perfeita do desejo primordial de *aparência*” (NIETZSCHE, 2002 : 55). Este não leva tão a sério as coisas, essa abertura para aceitar a existência como um sonho vem não da ignorância ou da alienação; pelo contrário, o homem-criança, o homem dionísaco de Nietzsche penetrou com olhar profundo a essência das coisas e viu que não pode mudá-la; está desencantado da ação. Para ele, endireitar o mundo é pretensão ridícula e vergonhosa. (NIETZSCHE, 2002:76).

“o racionalismo clássico gostaria que o homem fosse um super-homem, capaz de saber o que fazer em qualquer circunstância”

A vertiginosa quantidade de informações que o ciberespaço disponibiliza não permite mais do que a ação contemplativa diante da miríade de histórias que desfila diante de nós. Não é a paralisação por excesso, mas o reconhecimento da imediatez da vida que impede o adiamento da fruição. Talvez tenha havido um tempo em que fosse possível encontrar num futuro radioso o consolo das agruras da existência. Mas, hoje, as coerções históricas nos sinalizam a caducidade desse esforço imaginativo. Um outro regime do imaginário instaura as soluções para nosso tempo, com imagens menos tranqüilizantes, menos apaziguadas, menos heróicas.

O ciberespaço agudiza essa provocação que nos é feita no sentido de abandonarmos as velhas noções que nos amparam, sem criticá-las nem colocar outras no seu lugar, nos permitindo atuar (parataticamente, e não sucessivamente) como presença-ausência (VATTIMO, 1996). Posso estar tanto aqui como ali, posso também não estar, eis um imaginário organizado segundo o universo da *coincidentia oppositorum*, onde o tempo é flecha e ciclo e não-tempo. Aí, o tempo vivido não precisa ser abolido (afinal, nosso corpo ainda está aqui, fazendo exigências). O sujeito se flexibiliza no furga-cor do estar-não estar, e o ciberespaço não é mais um mundo esquizofrenicamente posto à parte do mundo histórico, até porque nasceu dele e nele. Não se coloca mais a questão sobre qual seja o mundo verdadeiro e qual seja o da fábula. "...o que nos obriga a admitir que exista uma parede divisória entre o verdadeiro e o falso? Não bastaria admitir graus de aparência, como quem falasse de matizes e harmonia, mais ou menos claros ou obscuros (...)? Por que o mundo em que vivemos não poderia ser fictício? E se se objetasse ainda que toda ficção deve ter um autor, não se poderia responder com toda franqueza: por quê? A expressão 'deve ter' não constitui também parte da ficção?" (NIETZSCHE, s/d:55).

A coincidência de opositos implica o fim da Verdade Última e, pois, o fim do homem no centro de todas as explicações. Estamos de novo diante da morte de Deus, o que não quer dizer que tenha chegado o fim do mistério, mas o fim da busca pelo esclarecimento do mistério. Essa busca não acabou porque o mistério tenha sido totalmente mapeado, mas porque o homem aceita conviver com ele, aceita o reino insondável, admite as aporias, admite que as sombras têm de subsistir assim, sem serem, necessariamente, iluminadas, traduzidas em discurso. A questão de Deus está morta, não se trata mais de especular sobre sua existência.

O mistério, porém, permanece, porque o tempo não pode ser abolido, ele se imprime na matéria e na não-materia de que somos feitos. O imaginário, que guarda o pensado e o não-pensado, que funda todos os nossos constructos (inclusive tecnozonhos como o do ciberespaço) se funda a partir da *consciência do tempo que passa*, como tantas vezes diz Durand.

O racionalismo clássico gostaria que o homem fosse um super-homem, capaz de saber o que fazer em qualquer circunstância. Para Prigogine, o universo se cria à medida que avança. Ora, essa imprevisibilidade torna necessário aceitar a limitação da nossa racionalidade, e exige do homem capacidade criativa, o que inclui hesitar antes de agir.

Tampouco o tempo histórico é único. Os grandes panoramas se tornam cada vez mais problemáticos de serem construídos; não se consegue escrever a história porque nós não partimos todos do mesmo ponto e muito menos vamos chegar ao mesmo destino. Em que era vivemos? Como mostra Maffesoli, os

arcaísmos estão de mãos dadas com a tecnologia de ponta, há convivência de tempos históricos. Nossos ritos aí estão para que nos lembremos dos gestos primordiais dos deuses, sublinhando o caráter cílico do tempo. Por outro lado, o espaço físico se anula, propiciando a experiência do não-tempo: aí estão nossos blogs e parabólicas para nos mostrar como isso funciona, mas também podemos chegar à não-história através da meditação, do gozo, dos frenesis coletivos. ■FAMECOS

REFERÊNCIAS

- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- . *Introduction à la mythodologie: mythes et sociétés*. Paris, Albin Michel, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *O eterno instante: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa, Instituto Piaget, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A origem da tragédia*. Lisboa, Guimarães Editores, 2002.
- . *Além do bem e do mal: prelimídio de uma filosofia do futuro*. São Paulo, Hemus, s/d.
- PRIGOGINE, Ilya. *O nascimento do tempo*. Lisboa, Edições 70, 1999.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.